
ESCATOLOGIA PENTECOSTAL:

ASPECTOS ÍNTIMOS

E IMPLICAÇÕES PÚBLICAS*

Fernando Albano**

Nesta comunicação se analisará a escatologia pentecostal e sua influência sobre a postura pentecostal frente à vida social. Sua concepção de futuro contribui para a esperança que trabalha pela transformação da sociedade, por um mundo melhor ou resulta em conformação ante a realidade?

O modo como se olha para o futuro sempre influencia o presente. Neste sentido, certa compreensão de futuro pode servir para dar manutenção ao presente ou pode exigir sua transformação e, conseqüentemente, se amplia ou restringe a liberdade e dignidade humana. Portanto, ao se abordar sobre a escatologia pentecostal, se pretende atentar para as seguintes questões: possui a escatologia pentecostal potencial libertador da condição humana e de promoção do bem público? Se não, como conciliar as diferenças entre a experiência pentecostal de afirmação da vida do pobre, de promoção de sua inserção na vida social/pública no presente e o dogma escatológico que parece promover mera resignação diante da vida, pois o futuro já estaria determinado? Estas são as principais questões que nortearão o presente artigo.

ESCATOLOGIA E ABANDONO DA ESFERA PÚBLICA

A escatologia¹ (GINGRICH; DANKER, 1984, p. 86, 127) é uma doutrina muito apreciada no universo simbólico pentecostal.² Certamente que isso se deve em

* Recebido em: 10.06.2014. Aprovado em: 22.06.2014.

** Doutorando em Teologia (EST/RS). Licenciado em Ensino Religioso (UNIVILLE/SC). Professor de Teologia na Faculdade Refidim (Jlle/SC). Membro do Grupo de Pesquisa Teologia Pública em Perspectiva Latino-americana. Bolsista da Evangelisches Missionswerk da Alemanha. *E-mail*: fernando@ceeduc.edu.br.

parte à típica curiosidade humana quanto ao futuro. Por outro lado, existem também outros elementos (como se verá abaixo) que explicam esse interesse pelas últimas coisas por parte dos pentecostais.

Na escatologia pentecostal tradicional se espera a implantação do Reino dos céus, instaurada por obra de Deus em Cristo, com nenhuma participação humana para sua realização. Nas palavras de Horton (2006, p. 627):

O Reino milenar não virá através dos esforços humanos. A Bíblia demonstra que a nossa única esperança é que Deus intervirá, pronunciará o seu juízo contra o presente sistema mundial, e enviará Jesus de volta à terra para estabelecer o seu governo e tornar eterno o trono de Davi.

Por isso, a expectativa da repentina *parousia* praticamente impede a possibilidade de criar um modelo novo de sociedade - assim, se abandona o mundo; o Milênio, que é o continente simbólico para uma nova sociedade, virá somente por graça de Deus, sem a participação humana.³

Zibordi (2008, p. 477-8), teólogo da Assembleia de Deus, apresenta a seguinte ordem escatológica, isto é, como as coisas últimas devem acontecer:

1. O arrebatamento da igreja;
2. O tribunal de Cristo;
3. A grande tribulação;
4. A vinda de Jesus à terra;
5. O fim do império do Anticristo;
6. O julgamento das nações;
7. O milênio;
8. A revolta do Diabo e seu julgamento;
9. O juízo final;
10. Novos céus e nova terra.

Em linhas gerais, podem-se apresentar as seguintes características básicas do pré-milenismo e apocalipsismo pentecostal:

- a) Divisão da história humana em diferentes dispensações já conhecidas por Deus e sob seu controle. Deus conduz a história para seu alvo certo;
- b) O período atual de sofrimento e de aparente domínio do mal é apenas uma etapa momentânea, algo como uma provação para os filhos de Deus;
- c) Espera o juízo de Deus num futuro próximo, assim como a vinda de Jesus em glória para arrebataram os crentes fiéis para o céu;
- d) Dualismo entre este mundo e o vindouro, entre anjos bons e maus, entre Deus e Satanás (ZIBORDI, 2008, 487-8).

Oliva e Benatte resumem bem a questão: “Escatologia adiada, milenarismo e messianismo extramundano somam-se na “cultura de fim de mundo” do pentecos-

talismo tradicional” (OLIVA; BENATTE, 2010, p. 55). A ideia de agir nesse mundo a fim de transformá-lo ou de cooperar com a inauguração do Reino divino é totalmente alheia à mentalidade do pentecostalismo tradicional, porque seu milenarismo é um apocalipsismo e não um messianismo intramundano. A teologia pentecostal bebe nas fontes da apocalíptica judaica.⁴

O messianismo tem por objetivo a mudança da realidade do mundo, trazendo o Reino para dentro da história humana, um bom exemplo é a proposta da Teologia da Libertação. Já o apocalipsismo abraçado pelo pentecostalismo apresenta uma proposta de negação da história, de fuga da realidade e abandono do mundo. O mundo não presta e deve ser destruído. Como escreveu Majewski: Com efeito, é comum ouvir de certos crentes que o ‘futuro está determinado’, logo, de nada adiante agir para tentar melhorar o mundo (MAJEWSKI, 2012, p. 219).

É como se as comunidades tivessem como papel a cumprir apenas o do espectador diante de um espetáculo de luta entre Deus e as forças do mal, cabendo aos indivíduos apenas torcer, mas nada fazer, pois se está fora do jogo da história, apenas na arquibancada do quietismo religioso.

Todavia, a dinâmica da vivência comunitária pentecostal com seus aspectos libertários e criativos se choca frontalmente com essa postura. Portanto, há uma notável tensão entre a experiência espiritual pentecostal e sua concepção escatológica fundamentalista. Porque desse modo, da sua escatologia resultam: uma conduta cínica, passiva, indiferente e alienada, afinal, não se busca as causas reais dos males que atingem a humanidade, mas se atribui tudo à vontade divina ou ao cumprimento de profecias apocalípticas (MAJEWSKI, 2012, p. 219). A escatologia pentecostal, contrariando sua experiência religiosa, conduz à negação da liberdade humana que gera a intervenção responsável na esfera pública. Diante dessa realidade, as palavras de Freston são esclarecedoras:

O grande propósito da escatologia bíblica quando aborda o fim dos tempos e ‘os novos céus e a nova terra’ não é apresentar um tipo de insight privilegiado do futuro nem uma vantagem sobre as doutrinas que não conseguem prevê-lo. O principal sentido da escatologia fundamentada na Bíblia é um propósito ético, ou seja, a visão escatológica nos inspira naquilo que devemos fazer hoje [...] Mesmo sabendo que o ideal não acontecerá plenamente neste tempo, não desistimos de lutar (FRESTON, 2006, p. 168-9).

Para se compreender a escatologia pentecostal tipo “insight privilegiado do futuro” é útil apresentar o contexto histórico do apocalipsismo, ou seja, ir atrás das suas origens. Segundo Gass, o apocalipsismo surgiu numa situação de crise da

sociedade judaica; numa situação de aperto, subjugação, enfim, de ameaça à vida, que “resultou na resistência durante a dominação dos gregos, especialmente do rei selêucida Antíoco IV Epífanes” (GASS, 2005, p. 61). A literatura apocalíptica que surgiu deste contexto moldou o modus religioso dos escritores do Novo Testamento, sendo que isso é mais evidente no livro de Apocalipse.⁵ Semelhantemente, o pentecostalismo cresceu em meio às massas oprimidas, atingiu pessoas marginalizadas, em situação de anomia. O cenário internacional também era ameaçador, com feições “apocalípticas”, contribuindo dessa forma para o surgimento de elementos para a imaginação escatológica.

Gedeon Alencar observa que “o pentecostalismo moderno surge no final do século XIX e se consolida nas primeiras décadas do século XX. Período áureo entre a I e II Guerra Mundial com o perigo nuclear rondando como espectro” (ALENCAR, 2005, p. 64). Então, há uma constelação de elementos de crise, medo e angústias semelhantes à sociedade judaica em sua subjugação às potências estrangeiras. Também em comum com aqueles, os sonhos e ideais de uma irrupção da ação libertadora de Deus, de cunho inteiramente sobrenatural.

Segundo Campos, há mundos detestados, “cujo desprezo pode eventualmente servir de motivo para alienação, atitudes reformistas ou até revolucionárias por parte dos membros de uma sociedade” (CAMPOS, 2010, p. 275). Uma concepção religiosa de negação do mundo, e até mesmo de juízo para com este mundo mau foi bem-vinda entre os pentecostais marginalizados. Para Rolim:

[...] pela forte ênfase que esta põe na sociedade futura a ser instaurada com a vinda de Cristo, opera-se um corte ente o crente e sua situação concreta na sociedade. Segundo, esta mesma percepção deixa em plano secundário e a bem dizer esquecido o «hic et nunc» da ação pentecostal (ROLIM, 1985, p. 224-5).

Portanto, para muitos pentecostais, tudo que de alguma forma está ligado a esse mundo deve ser rejeitado ou analisado com desconfiança. Na verdade essa prática acompanha boa parte da história do cristianismo. Mariano disse:

Tradicionalmente os pentecostais repudiam o que denominam convencionalmente de ‘mundo’ ou ‘mundanismo’. Isso vem de longe na história do cristianismo; prende-se a concepções teológicas nas quais o status da criatura, da matéria, da carne, bem como seus desejos, atributos e necessidades, após a queda do Paraíso e perante a onipotência e perfeição do Criador, é baixíssimo (MARIANO, 2005, p. 189).

Diante dessa tradicional demonização do mundo e da cultura, a questão chave do discurso e prática pentecostal é de que maneira as pessoas podem escapar da condenação e serem salvas desse mundo mau. A partir da escatologia pente-

costal, a história acaba sendo valorizada apenas como um elemento para a vida terrena. As comunidades pentecostais são concebidas principalmente como instituições da salvação de indivíduos, não como comunidade que antecipa o Reino de Deus.

Entretanto, como destaca Jürgen Moltmann, teólogo reconhecido por sua reflexão teológica profundamente escatológica, (MOLTMANN, 2002, p. 79-87) receber a salvação não precisa implicar em abandono da vida terrena, história ou sociedade. Pelo contrário, deve-se voltar para essas dimensões de modo renovado e transformador, sendo agente e sinal do Reino de Deus.

ESCATOLOGIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Como foi demonstrada, a postura usual dos pentecostais tradicionais frente à sociedade é de natureza escapista, motivada principalmente por sua concepção escatológica (limitadora da liberdade da ação transformadora).

Entretanto, convém registrar que essa postura vem paulatinamente sofrendo mudanças. Isso ocorre pelo fato de começar a surgir um tímido discurso de transformação, pois agora é preciso “fazer diferença” e transformar a sociedade. Isso pode ser verificado na abordagem dos últimos anos das *Lições Bíblicas*, órgão de doutrinação utilizado na escola bíblica dominical das congregações das Assembleias de Deus no Brasil. Por exemplo, Gaby, pastor pentecostal, disse: “Como igreja de Deus, temos uma missão a cumprir junto à sociedade como sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13,14). Nossa missão é transformá-la através do poder do Evangelho de Cristo” (GABY, 2011, p. 58).

Andrade, comentarista de *Lições Bíblicas*, critica o que chama de “conformismo escatológico” (ANDRADE, 2008, p. 82), isto é, a atitude inerte e alienada de muitos crentes que interpretam erroneamente certas passagens da Bíblia para justificar a indiferença referente às questões públicas. Exorta: “É mister que nos lembremos ser a nossa missão atuar de forma profética, a fim de conscientizar este mundo, não apenas do poder do Evangelho, mas também da justiça de Deus” (ANDRADE, 2008, p. 82).

Soares apresenta a justiça social como parte da adoração pentecostal. Segundo o teólogo pentecostal: “É nossa responsabilidade pessoal lutar por uma sociedade mais justa. Tal senso de justiça expressa o pensamento da lei e dos profetas e é parte do grande mandamento da fé cristã (Mt 22.35-40)” (SOARES, 2012, p. 25-8).

Portanto, gradativamente, o escapismo diante das questões sociais e públicas, tão frequentes no meio pentecostal, vão cedendo lugar à compreensão de que a ação responsável, cidadã e comprometida com a transformação desse mundo está ligada à fé cristã. Sendo assim, urge ressaltar: esse pensamento teológico pentecostal mais ligado às questões da justiça, cidadania e esfera pública é inteira-

mente coerente com a pneumatologia que professa. Isso porque o compromisso do Espírito Santo é com o público e não apenas com o privado.

O Espírito de Deus é contrário ao isolamento e escapismo do mundo, seja individual ou comunitário. Percebe-se isso em Atos, porque quando os primeiros cristãos pretendiam ficar numa postura ensimesmada, restritos à Jerusalém, o Espírito os arrancou e os lançou ao mundo. De certa forma, o mundo todo já estava contemplado na diversidade de línguas faladas no Pentecostes, sendo assim, uma clara alusão à vocação universal da comunidade cristã (cf. At 2.). Portanto, o Espírito Santo dá continuidade ao compromisso de Cristo de tornar pública a boa notícia transformadora do Reino de Deus.

Geralmente, a comunidade cristã se apega aos seus espaços de poder e conforto e procura se fechar em si mesma, porém, o Espírito de Cristo quer o público, a cidade, o país, enfim, a totalidade do mundo, e dirige a Igreja nessa direção, sempre objetivando sua conformação à realidade futura do Reino de Deus (At 1.8; Rm 8; Ef 2.11-22).

Portanto, quando as comunidades pentecostais se conscientizam do seu compromisso social e profético na esfera pública, seja para testemunhar sua fé, seja para tomar parte nas ações políticas e sociais, estão na realidade sendo coerentes com a experiência cristã inicial (que evocam), que lançou as primeiras comunidades cristãs em direção do mundo, como força transformadora (At 1.8; 17.6).

Sendo assim, existe outra alternativa ao escapismo pentecostal, como apontam os próprios textos bíblicos fundamentais da experiência pentecostal, assim como alguns indícios internos ao próprio movimento. Como afirma Couto: “Assim, a verdadeira espiritualidade não dá as costas ao exercício da cidadania” (COUTO, 2008, p. 407). A comunidade pentecostal pode criar dentro de um mundo caótico, comunidades que dialeticamente recusam e esperam, usando como paradigma para suas ações o mundo novo a ser implantado. Em outras palavras, pneumatologia e escatologia pentecostal podem ser reconciliadas e, assim, superar a tensão entre o poder que se recebe para agir no mundo e a concepção escatológica que faz apenas esperar pelo fim trágico da história. Pois, como escreve Schwarz (1995, p. 561):

O envolvimento da Igreja em atos de caridade na luta por justiça, direitos humanos e acesso às coisas necessárias à vida, por exemplo, não indica apenas que a Igreja é uma extensão da mão amorosa de Deus. Com seus recursos limitados, a Igreja pode no máximo oferecer auxílio limitado para as feridas de um mundo que sofre; jamais pode curá-lo completamente. Não obstante, com suas ações ela prefigura um mundo liberto de angústia, sofrimento e desespero. Em meio à disputa e à luta do mundo de hoje, a Igreja é um farol de esperança e um ponto de reunião para os oprimidos. Irradia sinais da nova ordem do mundo, quando haverá justiça e paz para toda a criação.

A dimensão proléptica⁶ da existência cristã, mencionada por Schwarz, pode ser vivida mais conscientemente pelas comunidades pentecostais. Como defende Couto, a escatologia pentecostal, longe de promover o conformismo e quietismo diante da realidade, aceitando-a como determinada, pode antes resultar em engajamento transformador da sociedade à luz dos valores da justiça, paz e alegria do Reino vindouro (COUTO, 2008, p. 399-400). A escatologia cristã não abandona o mundo para ficar ocupada apenas com o céu, mas, também não absolutiza as estruturas políticas, religiosas e econômicas do presente e, nisso, é muito útil (SCHWARZ, 1995, p. 560-561).

CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo discorrer sobre alguns aspectos da escatologia pentecostal e sua relação com a esfera pública, ou, como dizem os pentecostais com o “mundo”. A concepção de futuro pentecostal repercute na sua vivência presente, acaba influenciando este em sua postura diante da vida social. Sendo assim, constatou-se que a escatologia pentecostal apresenta certa tensão com a ideia de transformação social. Isto ocorre porque há uma atitude de conformismo e até mesmo indiferença diante da sociedade, por outro lado, parece inegável que a prática das comunidades pentecostais repercute na vida social, aqui e agora com transformação da realidade de muitas pessoas, principalmente em estado de anomia social. Também, observou-se que, gradativamente os pentecostais vêm se aproximando da vida social, cultural e política do país. Amplia-se cada vez mais a consciência de que se precisa fazer algo pelo mundo e não apenas pregar sua renúncia.

Portanto, o pentecostalismo a partir desse modelo pode efetivar sua liberdade para transformar e não conformar; profetizar que o fim vem, mas agir na certeza de que o Reino de algum modo já é realidade presente (Lc 17.21).⁷ Para tanto, a teologia pentecostal tem como tarefa rever sua escatologia, mediante um trabalho exegético adequado e, desse modo, superar os elementos que contrariam o potencial profético de engajamento social e político que certamente sua experiência libertadora no Espírito possibilita. Evidentemente, que isso pode ser feito sem necessariamente se fechar para a realização última do Reino de Deus.

Notas

- 1 O termo escatologia é formado a partir da junção de dois radicais gregos: eschatos (último) e logos (palavra, assunto). Portanto, escatologia é a palavra ou consideração sobre as últimas coisas.
- 2 De acordo com Souza Junior, que fez uma interessante análise da Harpa Cristã (hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil), é possível encontrar elementos escatológicos

em 62 (11,9%) dos 524 hinos do hinário tradicional. Desse modo, “aproximadamente a cada 10 hinos encontrados no seu repertório, ao menos um deles versará sobre o fim dos tempos, a vida eterna, o novo céu e a nova terra, o arrebatamento dos salvos, ou algum outro tema diretamente relacionado com a escatologia.” Com isso, se pode perceber o fascínio pentecostal pela escatologia (SOUZA JUNIOR, 2011, p. 164-165).

- 3 Estudos a respeito do pentecostalismo brasileiro vinculam a perspectiva escatológica pré-milenarista à cosmovisão dos crentes e seus respectivos posicionamentos diante das questões sociais e políticas que os cercam (MENDONÇA apud TEIXEIRA, 2006, p. 98-110; ROLIM, 1985, p. 224-5).
- 4 Apocalíptica judaica. Esta surgiu em Israel entre os grupos que resistiram contra a helenização forçada do Judaísmo e a opressão do Império Grego que “devorava e triturava” o povo. A literatura apocalíptica quer motivar seus destinatários na luta pela fé judaica, assim como seus valores éticos e morais. Quer comunicar a esperança de que Deus interviria a fim de libertar os judeus da dominação estrangeira (GASS, 2005, p. 61).
- 5 Segundo Bornkamm (2003, p. 143), o livro de Apocalipse situa-se na tradição, perspectiva e gênero literário da apocalíptica judaica do tempo. Seus grandes temas retratados são o fim do mundo, o Juízo Final e a inauguração do novo céu e da nova terra. A apocalíptica judaica fornece a chave para entender os pensamentos fantásticos e a linguagem do Apocalipse de João.
- 6 Prolepse. Esboço escatológico que trata de um ato ou de um desenvolvimento futuro como já existente no presente ou já realizado. Um ato proléptico é uma ocorrência escatológica na história antes do seu desfecho (GRENZ; GURETZKI, 2000, p. 110).
- 7 Tillich (2005, p. 819-20) ao abordar sobre as igrejas como representantes do Reino de Deus na história, diz que o perigo das igrejas ativistas (proféticas) é enfatizar a expectativa da vinda do Reino e desconsiderar a consciência da sua presença na história. Portanto, uma crítica cabível às igrejas pentecostais, portadoras da escatologia descrita nesse trabalho.

Referências

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ANDRADE, Claudionor de. *Lições bíblicas. As disciplinas da vida cristã: trabalhando em busca da perfeição*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2004.

BORNKAMM, Gunther. *Bíblia, novo testamento: introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2003.

CAMPOS, Leonildo Silveira. O apelo messiânico-milenarista na pregação dos novos pentecostais brasileiros. In: AUGUSTO, Adailton Maciel. *Ainda o sagrado selvagem*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010.

COUTO, Geremias do. *Eclesiologia. A doutrina da igreja*. In: GILBERTO, Antonio (Ed.) *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

- FRESTON, Paul. *Religião e política, sim; igreja e estado, não: os evangélicos e a participação política*. Viçosa: Ultimato, 2006.
- GABY, Wagner. *Lições bíblicas. A missão integral da igreja: porque o reino de Deus está entre vós*. Rio de Janeiro: CPAD, p. 58, 2011.
- GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do novo testamento: grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de teologia: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa*. São Paulo: Vida, 2000.
- HORTON, Stanley M. As últimas coisas. In: HORTON, Stanley M. (Ed.) *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. Teologia pentecostal e espaço público. In: JACOBSEN, Eneida; SINNER, Rudolf von; ZWETSCH, Roberto E. *Teologia pública: desafios éticos e teológicos*. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2012 (Coleção Teologia Pública) v. 3.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evangélicos e pentecostais: um campo em ebulição. In: TEIXEIRA, Fautino; MENEZES, Renata (Orgs.) *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. Um século de pentecostes no Brasil: algumas observações. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.) *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Profetismo bíblico e profetismo pentecostal: um chamado à transformação social. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.) *Pentecostalismo e transformação social*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SCHWARZ, Hans. Escatologia. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Ed.) *Dogmática cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.
- SOARES, Ezequias. *Lições bíblicas. Os doze profetas menores: advertências e consolações para a santificação da igreja de Cristo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. *Cantai e multiplicai-vos...: um estudo da harpa cristã como instrumento de expansão da missão no pentecostalismo no Brasil (1910-1970)*. 2011. 224 f. Dissertação (mestrado). Universidade Metodista de São Paulo. Faculdade de Humanidades e Direito. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: a doutrina das últimas coisas. In: GILBERTO, Antonio (Ed.) *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.